

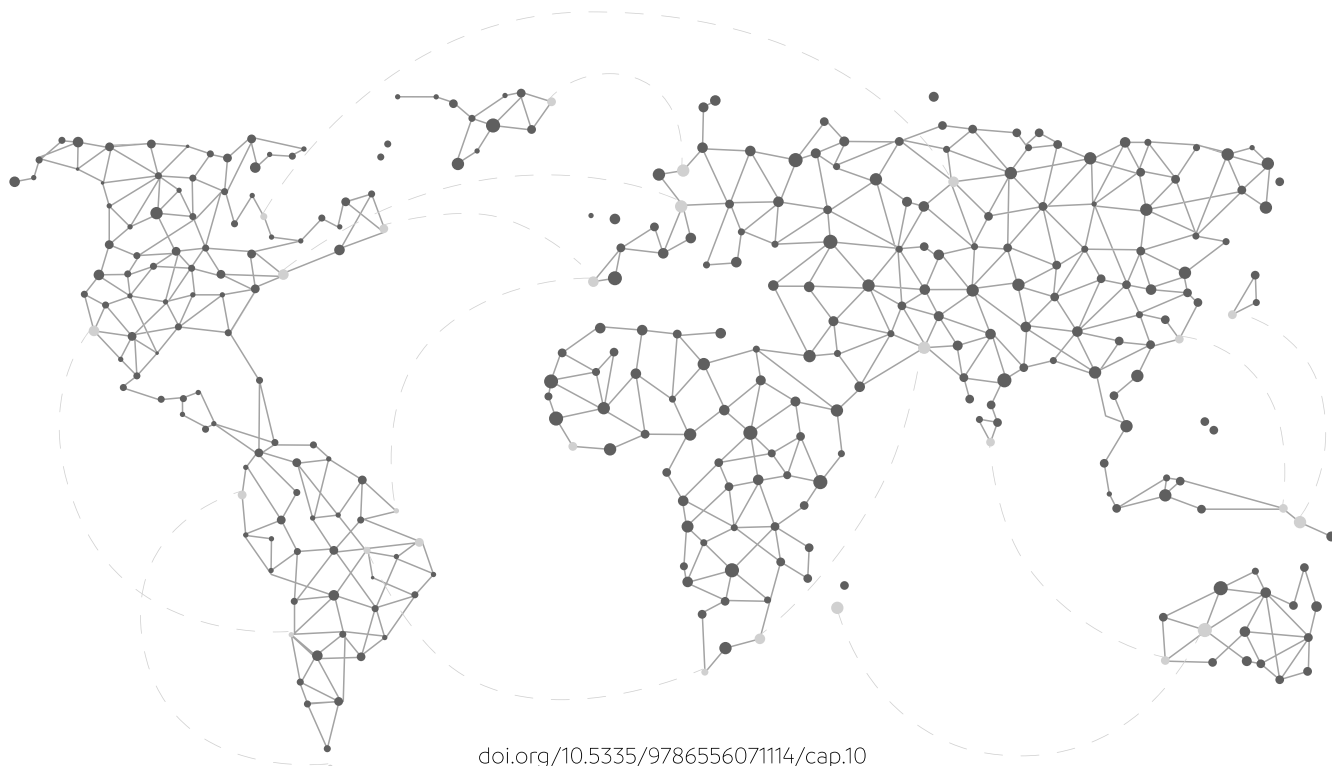
volume 2

ENSINO SUPERIOR NO ESPAÇO LUSÓFONO

ensino e desenvolvimento profissional

Daniele Simões Borges | Gionara Tauchen |
Renata Belmudes Schneider | Juan Carlos Teran Briceno
(Org.)





O fazer artístico e a construção de laços comunitários: compromisso ético e valorização do bem-estar coletivo

Sofia Castanheira Pais | Carolina Gomes | Irene Cortesão

Introdução

Longe de ser nova, a relação das artes e transformação social tem vindo a ser problematizada em domínios diversos (Golden *et al.*, 2024; Jensen, 2019; Jensen; Torrissen, 2019). No campo da saúde, mas também da educação, a dimensão artístico-cultural constitui uma importante ferramenta de engajamento, de construção de laços e de promoção do bem-estar (Fancourt; Finn, 2019; Golden *et al.*, 2023). De facto, atividades de lazer e outras especialmente orientadas para os domínios sociais, cultu-

rais e artísticos têm diversos impactos positivos ao longo de todo o ciclo vital. No caso particular das pessoas mais velhas, a literatura revela efeitos positivos com significado ao nível das funções cognitivas e físicas, bem como na sua saúde mental (Osorio, 1998; Sala *et al.*, 2019). Neste sentido, percebe-se que o envolvimento em atividades artístico-culturais participativas pode contribuir para a melhoria do sentimento de bem-estar, para o alívio da solidão e para o encorajamento de estabelecimento de relações sociais através de “criação de laços e pontes” (Gorny-Wegrzyn; Perry, 2022, p. 293), potenciando, por conseguinte, o sentido de pertença da pessoa idosa à sua comunidade (Cid; Dapía, 2012). A literatura dá nota da relação entre a participação em coros, programas de canto ou orquestras comunitárias e os seus efeitos ao nível do bem-estar, nos seus variados domínios, designadamente subjetivo, psicológico e social (Dzuka; Dalbert, 2000; Mellor, 2013). Aspetos do bem-estar emocional, como sejam a satisfação com a vida, a autonomia e aceitação de si, crescimento pessoal, domínio do meio, aceitação social (Lima; Novo, 2006) constituem, por isso, dimensões relevantes a ser atendidas.

O argumento de que o envolvimento nas, e com as, artes criativas beneficia a saúde e o bem-estar é agora apoiado por um conjunto crescente de evidências e reconhecido como importante nas comunidades responsáveis pelas políticas de saúde (Cameron *et al.*, 2018; Atkinson; Robson, 2012), assim como que o envolvimento em atividades artísticas criativas, pode ser olhado como uma forma de intervenção em saúde que recorre ao envolvimento estético, à imaginação, à estimulação sensorial e cognitiva, à evocação de emoções, à interação social, à atividade física e ainda a interação com contextos de cuidados de saúde, como formas de promoção da

saúde (Carson; Chappell; Knight, 2007; Gorny-Wegrzyn; Perry, 2022; Antunes, 2024). No entanto, e segundo Kirschner e Tomasello (2010), é importante que as experiências artísticas e criativas sejam agradáveis e desafiantes para todos/as os/as envolvidos/as, gerando um ambiente aberto e suficientemente flexível para facilitar o desenvolvimento da criatividade e autoexpressão (Pais *et al.*, 2023).

O canto é, de acordo com Carminatti (2010), um fenômeno cultural, social e histórico que promove a comunicação e a expressão do ser humano e da sua cultura. Trata-se de um fenômeno psíquico, integrador, que envolve processos cognitivos, uma vez que cantar é capaz de mover as emoções, a imaginação e os afetos daqueles que cantam e, também, dos seus ouvintes cumprindo uma função educacional e social integradora. Neste contexto, a premissa de envolver o grupo numa atmosfera segura, onde todos/as e cada um/a são potencialmente reconhecidos/as para além da aptidão musical, articula a abordagem mais comunitária da música com uma abordagem mais próxima da musicoterapia. Trata-se, como advoga Ansdell (2002), de valorizar a realidade comunitária que envolve o fazer música, procurando responder aos desafios de modelos de tratamento excessivamente individualizados. Neste sentido, Amato (2007) refere que a experiência de participação num coro implica aprender a relacionar-se com o outro, pelo que privilegia a aceitação mútua e o respeito pela diversidade. A música, se significativa nos contextos culturais dos/as participantes, pode contribuir, assim, para melhorar a qualidade de vida através do desenvolvimento da consciência emocional, da capacidade de agência, de pertença, de significado e de coerência com a comunidade (Bailey; Davidson, 2003).

De facto, a intervenção artística e, em particular a música comunitária, oferecem um leque de potencialidades no que toca a despertar emoções e convidar a reflexões de ordem diversa. No entanto, supõem indubitavelmente um conjunto de cuidados éticos que vão muito além da propriedade intelectual ou do respeito pela liberdade criativa e de expressão (Cummings, 2006; Harold, 2023). A sensibilidade cultural é um dos domínios nucleares, mas a abordagem eticamente responsável face a temas e situações delicados constitui, igualmente, um dos principais desafios a todos/as os/as que colaboram em projetos comunitários de natureza artística (Macneill, 2014). O comprometimento com as expectativas e especificidades inerentes a cada indivíduo, contexto e etapa do projeto, assim como a natureza das relações e interações humanas entre as pessoas são, porventura, esferas especialmente relevantes a considerar no cuidado ético. A premissa de desenvolver uma intervenção *com* a comunidade, mais do que *para a* comunidade é, desde logo, disso exemplo, a par da adoção de perspetivas centradas no compromisso com o bem-estar integral das pessoas participantes e não exclusivamente em ganhos tendencialmente relacionados com a sua performance artística (Ducombe, 2016). Ou seja, inclui-se nas questões éticas um conjunto de orientações, quer teórico-conceituais, quer metodológicas, que advogam uma perspetiva inclusiva e de direitos à fruição e à participação artística, associadas a uma leitura genuinamente integradora da pessoa e da comunidade que valorize o processo e não apenas o resultado, seja um espetáculo ou uma outra produção artístico-cultural.

A literatura aponta para a necessidade de se adotar uma panóplia de cuidados éticos, pautados na dinâmica comunicacional, relacional e no respeito em todas as interações humanas em contexto de investigação qualitativa (Baptista, 2005, 2012; Clarke;

Braun, 2013). O *ethos* reflexivo defendido por Amado (2014, p. 102) supõe “a necessidade de construir uma relação baseada na sinceridade, na verdade e na confiança – nada no processo pode justificar a ocultação de objetivos e de procedimentos e muitos menos, a mentira”, mas corporiza também um conjunto de orientações que priorizam as pessoas em contexto e o seu bem-estar acima de qualquer propósito ou requisito da própria investigação. O respeito pela dignidade, privacidade e interesse dos/as participantes, assumindo uma postura aberta, de incentivo ao diálogo e partilha constituem, por isso, princípios essenciais (BERA, 2024; SPCE, 2020; ALLEA, 2017; European Commission, 2012; Unesco, 2005).

Autores como Mack *et al.* (2005) distinguem a ética relativa ao próprio processo de investigação e a ética relativa ao investigador enquanto profissional e pessoa. Esta destrição é especialmente importante em contextos de profunda implicação por parte do investigador no contexto e na vida dos/as participantes, trazendo desafios acrescidos quando a situação de vulnerabilidade destes/as últimos/as é expressiva (Fisher, 2012). A este respeito, Youngpeter (2008) refere que os/as investigadores/as devem ter preocupações éticas especiais para monitorizar o tratamento dos/as participantes, em particular quando adotam métodos de investigação alternativos ou potencialmente controversos. O autor refere-se ao caso específico da Psicologia, mas aplica-se também a investigação qualitativa que decorre em contextos de intervenção comunitária, designadamente artística. A este respeito, Guillemin e Gillam (2004) admitem que as tensões éticas fazem parte da prática quotidiana da investigação e que importa distinguir o que se entende por ética procedimental e microética. À primeira atribuem os aspetos de natureza formal, passíveis de antecipação por meio de instrumentos

como sejam o consentimento informado e a garantia de anonimato. Implicam a adoção de uma linguagem adequada a orientações e códigos de conduta ética e a submissão e análise de procedimentos inerentes à investigação a um comité de peritos. À microética associam a “ética em prática” e, portanto, questões éticas quotidianas que se colocam no decurso da investigação. Tratam-se, como referem as autoras (Guillemin; Gillam, 2004), de questões relacionadas com as obrigações éticas que um investigador tem para com um participante na investigação em termos de interação que não assenta na ótica de alguém que, a pretexto da investigação, explora; mas que, pelo contrário, humaniza, ao mesmo tempo que tem em conta o seu papel de investigador. A microética tende a incluir questões que não são, normalmente, abordadas em candidaturas aos comités de ética em investigação, nem passíveis de antecipação aquando do pedido de aprovação. Considerando dilemas éticos situações em que há uma escolha difícil entre diferentes opções, cada uma das quais com vantagens e desvantagens igualmente convincentes, é possível que alguns investigadores não considerem estes episódios de “ética em prática” relevantes (Guillemin; Gillam, 2004). Ainda assim, não deixam de constituir momentos eticamente importantes mobilizadores de reflexividade e de rigor.

Objetivo e contexto do estudo

O presente estudo tem como objetivo compreender de que modo a participação num programa de canto contribui para a promoção do bem-estar e da saúde de pessoas mais velhas, considerando os desafios éticos que se colocam à investigação desenvolvida no âmbito de um projeto de intervenção comunitária. Trata-se

de uma intervenção dirigida à população sénior, que inclui um programa de canto em grupo com dois ensaios semanais, promovido por uma cantora conhecida e especialmente acarinhada pelo público mais velho. O programa é financiado por uma agência privada portuguesa, teve início no ano de 2022 e conta já com três edições, totalizando o envolvimento de 140, 202 e 283 participantes, respetivamente. Em todas as edições, a maior parte das pessoas envolvidas são mulheres, viúvas e em situação de institucionalização. A maioria não teve experiência prévia em grupos de canto ou orquestras comunitárias. Participam no projeto instituições do 3º setor da zona Norte do país, com equipamentos diversos, como sejam lares, centros de dia, residências seniores, centros sociais. O seu envolvimento e das pessoas participantes é gratuito e voluntário. Há instituições parceiras, nomeadamente uma academia de música, com professores/as e músicos que se encarregam da condução dos ensaios e da organização de um espetáculo em que participam todos os seniores, no final de cada edição do projeto.

A equipa científica responsável pelo estudo dos efeitos do programa de canto ao nível do bem-estar e da saúde dos/as participantes é composta por docentes e investigadores/as do Ensino Superior e traduz-se numa iniciativa que liga matricialmente a investigação à intervenção artística comunitária. Ao longo do tempo, nas suas várias edições, o projeto desafiou a pensar nos cuidados éticos inerentes ao estudo dos efeitos de um programa de canto comunitário na promoção de saúde e de bem-estar de pessoas mais velhas em situação de institucionalização. Explora-se a dimensão ética do fazer, à luz de uma perspetiva que, por um lado, transcende a crença de que o bem-estar se pode reduzir à esfera física e biomédica e, por outro, reforça a música enquanto ferramenta de

engajamento e transformação social e comunitária. Questionam-se também os contornos da relação e da comunicação entre a equipa de investigação, a equipa de intervenção e os/as participantes no projeto, de forma a garantir um compromisso eticamente investido.

Metodologia

Ancorada a uma metodologia eminentemente qualitativa, a investigação desenvolvida incluiu etnografia durante fevereiro a julho de 2022, junho de 2023 a fevereiro de 2024 e outubro de 2024 a abril de 2025, resultando em aproximadamente 19 meses de observação. Como refere Silva (2011, p. 69), “o método etnográfico é a possibilidade para se emergir um pouco mais no mundo onde as pessoas estão imersas e de olhar as coisas de perto”, pelo que especialmente “útil para abordar o banal e o familiar, e o que se encontra mais próximo, permitindo identificar a diversidade cultural daquilo que aparenta ser tão igual ou comum a ‘nós’” (Caria, 2002, p. 12). Tratou-se de uma estadia longa no terreno inspirada por uma epistemologia da escuta (Berger, 2009), durante a qual, mais que a preocupação com a recolha de dados para efeitos de análise do programa de canto e das suas dinâmicas no bem-estar dos/as participantes, foram desenvolvidas e captadas interações de grande densidade com estes e restantes atores em contexto.

Denzin (2017) distingue quatro diferentes tipos de identidade que podem ser assumidas enquanto observador neste processo de entrada no campo: de “participante completo”, de “participante como observador”, de “observador como participante” e, ainda, de “observador completo”. Neste caso, a identidade assumida foi a de “participante como observador”, optando-se por tornar a presença

conhecida como de “observador e criando uma série de relações com os informantes durante algum tempo” (Denzin, 2017, p. 163).

O cuidado ético é, porventura, a dimensão intersticial que melhor representa a implicação da equipa no projeto. Significou um conjunto de cautelas formais, como se descreve de seguida, mas incluiu também um manancial de episódios ilustrativos da microética anteriormente aflorada (Guillemin; Gillam, 2004). As situações que figuram de seguida resultam de um conjunto de notas de terreno registadas durante a observação-participante em contexto e tratadas através de análise de conteúdo (Bardin, 1977). Foram submetidas a validação cruzada pelos elementos da equipa científica e lidas em íntima relação com literatura nos domínios explorados no âmbito do projeto. As notas são situadas ao longo do tempo e num contexto de profunda cumplicidade com os atores e as suas dinâmicas *in locu*. Por razões de anonimato e confidencialidade asseguradas aos/às participantes, todos os nomes que figuram de seguida são fictícios e os elementos potencialmente identificativos da sua origem estão ocultados.

Resultados

Apresentam-se de seguida algumas dimensões relevantes para uma compreensão dos desafios éticos inerentes à investigação etnográfica desenvolvida.

Ficaram chateadas com todos/as os/as outros/as

Assumindo a natureza etnográfica da investigação, os momentos de observação e de interação com os participantes perpassam contextos que vão além dos, inicialmente, previstos no proje-

to, ou seja, a sala de ensaios e dos momentos exclusivos de aulas de canto. Os percursos até estes locais, como sejam a paragem do autocarro ou a rua, constituem, por isso, espaços de relação com significado para efeitos da compreensão das experiências do projeto para os/as que nela participam. O excerto que se segue é disso ilustrativo:

O senhor João viu-me na paragem do autocarro e ofereceu-me boleia. No caminho, falou um pouco sobre a sua vida, memórias com música, das aulas de piano que ele deu. Perguntou-me sobre a minha pesquisa e, após eu referir o meu interesse no tema da solidão, ele disse que tinha certeza que o projeto tinha impacto na solidão dos/as participantes. Referiu, também, que não estava a gostar muito das músicas desse ano (informação verbal, 17 de outubro de 2023).

O facto de o projeto ser percebido de formas diversas é já antecipado, quer pela equipa de investigação, quer pela coordenação. Ainda assim, a perceção negativa de participantes que estiveram envolvidos/as em edições anteriores não é necessariamente conhecida. Momentos como o que o excerto anterior revela dão nota da dificuldade em gerir o conteúdo recolhido neste contexto de informalidade. Também nesta linha, a referência a situações tensionais e de conflito entre os/as participantes e as razões que lhes subjazem são, aliás, expressadas nesses contextos.

Na paragem de autocarro, estive a conversar com as senhoras da AS [sigla que representa a instituição a que pertence as senhoras] e com a professora Maria. Elas interagiam, falavam da zona delas, das aldeias, diziam que estavam a gostar do projeto também, mas que ficaram chateadas com todos/as os/as outros/as da AS terem mudado de turma para ficarem juntos, que esse não é o objetivo do projeto e não acham que faça sentido (informação verbal, 4 de julho de 2023).

A informação sobre o que está na base de desentendimentos entre participantes nem sempre é do conhecimento alargado. A

questão dilemática que se coloca prende-se com a decisão de partilhar esta informação com a coordenação do projeto, na expectativa de que possa resolver-se, e a quebra de confiança que essa partilha representaria, fragilizando a relação entre equipa de investigação e participantes.

Não queria nada em troca

A proximidade inerente ao contexto de observação e de participação em contexto, tornam a etnografia especialmente desafiante também no que toca aos limites da relação entre pessoa investigadora e pessoa investigada. Significa isto que, não raras vezes, os desempenhos de ambas se vão reconfigurando ao longo do tempo. Os excertos que se seguem dão nota de momentos em que a investigadora foi surpreendida com presentes oferecidos pelas participantes: “A senhora Joana chegou a minha beira e entregou-me um embrulho, dizendo que não queria nada em troca, era uma prenda. Guardei na bolsa e disse-lhe que abriria em casa” (informação verbal, 27 de setembro de 2023); e “Dona Fátima ofereceu-me um tricô que ela havia confeccionado, dizendo que era para a minha garrafa d’água. Agradei-lhe e ela dizia que era de boa vontade, que não queria nada em troca” (informação verbal, 10 de novembro de 2023).

Embora não se tratem de ofertas especialmente avultadas, as que os excertos referem, representam gestos afetivos com significado para as pessoas que os protagonizaram. Ou seja, constituem expressões de carinho e de amizade para com a investigadora. A preocupação ética aqui presente reside no facto de a maior parte das pessoas participantes viverem privadas de relações afetivas e sociais densas (sendo a maioria das participantes, mulheres viúvas e com pouca rede familiar), e a oferta reforçar uma dimensão

pessoal e afetiva com a pessoa investigadora. O término anunciado do projeto, a possibilidade de não haver novas edições, acresce o receio de serem estabelecidas relações de codependência com os elementos da equipa de investigação.

O marido parecia ser muito agressivo com a mulher

Nas várias edições é comum haver participantes que já se conheciam antes do projeto iniciar. O excerto que se segue inclui um casal e o momento de um ensaio dedicado a cantar músicas de intervenção, desafiando a pensar o direito das mulheres à livre expressão e a serem tratadas com respeito e dignidade.

O intervalo começou, e estive a conversar com a professora. Ela contou-me que havia um casal participante em que o marido parecia ser muito agressivo com a mulher. Segundo ela, ele batia nela e, por ter sido da PIDE⁴, recusava-se a cantar determinadas músicas relacionadas com o 25 de abril⁵. A professora disse que ele nem sequer aceitou a folha de papel com as letras das canções. Apesar de ter a folha nas mãos, a mulher cantava muito baixo ou simplesmente não cantava, enquanto ele a observava com uma expressão severa durante todo o tempo. A senhora tinha um machucado visível no rosto, e a professora comentou que suspeitava ter sido causado pelo marido. Ela mencionou ainda que o grupo não iria deixar de cantar aquelas músicas, acrescentando que, se fosse para não cantarem, talvez fosse melhor que nem comparecessem aos ensaios (informação verbal, 25 de outubro de 2023).

Não é, necessariamente, o facto de serem um casal que marca a nota de terreno anterior, mas o facto de se perceber resistência do marido em relação à mulher cantar um repertório com o qual,

⁴ PIDE foi a polícia política portuguesa entre 1945 e 1969, responsável pela repressão de todas as formas de oposição ao regime político do Estado Novo.

⁵ A Revolução de 25 de Abril, também conhecida como Revolução dos Cravos, Revolução de Abril ou apenas por 25 de Abril, refere-se a um evento da história de Portugal resultante do movimento político e social, ocorrido a 25 de abril de 1974, que depôs o regime ditatorial do Estado Novo, vigente desde 1933, e que iniciou um processo que viria a terminar com a implantação de um regime democrático.

porventura, o primeiro não concorda e, sobretudo, a suspeita de violência doméstica. O excerto que se segue ilustra também uma situação de violência, entre uma senhora participante no projeto e uma funcionária da instituição onde reside.

Uma senhora que estava em uma cadeira de rodas chamou-me e disse estar aflita para ir ao banheiro. Então, ofereci-me para levá-la até a casa de banho. Quando estávamos a nos aproximar da porta da sala, a técnica da instituição da senhora perguntou onde estava a ir e a senhora referiu estar aflita, pelo que a técnica respondeu que ela não poderia ir ao banheiro, pediu para eu voltar ao meu lugar e deixou a senhora parada ao lado da porta. Depois de algum tempo, aproximei-me novamente da senhora, que estava com um semblante triste, e ela referiu-me que a técnica tinha colocado-lhe fraldas, para que não precisasse levá-la à casa de banho. Ainda, a senhora parecia constrangida com a situação e disse que, como estava sentada, conseguia segurar a sua vontade, mas que se escapasse logo estaria em casa (informação verbal, 29 de janeiro de 2025).

Em ambos os excertos, a violência foi captada pela investigadora. Uma suspeita, uma confissão, ou simplesmente a profunda convicção de que há algo que não é admissível geram um profundo desconforto à equipa de investigação. E, embora, não restem dúvidas, nomeadamente sobre a denúncia de crimes de violência doméstica⁶ como aquele sobre o qual recai a atenção no primeiro excerto, a inquietação da equipa científica reside no facto de não ter sido considerado ou valorizado por outras pessoas no âmbito do projeto. O silenciamento de episódios de violência, a par da sensação de impotência por parte de quem os regista, coloca um desafio ético extraordinariamente complexo.

⁶ A violência doméstica é um crime público em Portugal. Significa que o procedimento criminal não depende da apresentação de uma queixa por parte da vítima (formal ou informal), sendo apenas necessário haver uma denúncia ou conhecimento do crime. Este crime é punível com pena de prisão.

Chamou a atenção da senhora

Em todas as edições do projeto, participam nos ensaios, não apenas participantes e professores/as-músicos/as, mas também os/as funcionários/as das instituições. O seu papel é acompanhar e apoiar as pessoas mais velhas, de forma a que fruam e se envolvam ativamente na produção de música. Os excertos que se seguem ilustram a forma em que, em várias circunstâncias, se dirigem às pessoas mais velhas.

Uma senhora disse que queria fazer xixi e a senhora sentada ao lado dela deu-lhe a mão e foram juntas em direção à casa de banho. A técnica estava lá fora e não as acompanhou porque estava à espera da carrinha, mas disse-lhes: “Não se esqueçam de lavar as mãozinhas, está bem? Vão devagarinho” (informação verbal, 23 de novembro de 2023).

Embora o projeto preconize a autonomia e o reforço de competências das pessoas mais velhas, as práticas estabelecidas pelas instituições a que pertencem parecem tender para a infantilização. Mais, como mostra o excerto que se segue, são reveladoras de alguma assimetria na relação de poder entre funcionários/as e idosos/as, com efeito desempoderante para os/as últimos/as:

Algumas senhoras foram à casa de banho enquanto a técnica levava utentes para a carrinha e eu e A fomos com as senhoras. [...] Logo a técnica chegou na casa de banho e chamou a atenção da senhora, por não a ter esperado para ir (informação verbal, 19 de setembro de 2023).

Em qualquer uma das anteriores notas de terreno se regista com amargor a forma como as pessoas mais velhas são tratadas. Ao invés de o projeto constituir um ambiente promotor de bem-estar, pessoal e coletiva, e de criação de alternativas à autonomia, parece pôr a nu um manancial de aspetos obstaculizadores de experiências salutareis na vida quotidiana.

Conclusão

As preocupações e os dilemas éticos fazem parte da prática quotidiana de quem faz investigação (Vieira, 2022). No caso da investigação qualitativa, pela centralidade que ocupam as relações, a proximidade e a profundidade que podem envolver, está especialmente permeável a estas preocupações e dilemas. A dimensão relacional é, efetivamente, matéria-prima de imensa riqueza da investigação etnográfica e, no caso do projeto, foi analisada a diversos níveis, nomeadamente entre participantes, entre participantes e professores/as de música, entre participantes e funcionários/as das instituições, entre participantes e equipa de investigação. Não raras vezes, é no seio desta teia relacional e comunicacional que surgem os desafios éticos inerentes à investigação etnográfica. A experiência neste projeto, desenvolvido para promover o bem-estar, foi desencadeadora de um conjunto de reflexões e questões que, mais do que qualquer outra preocupação, repousaram sobre o bem-estar de todos/as aqueles/as a quem se dirigia. A leitura de orientações sobre ética, a par de discussões em equipa alargada, das inquietações encontradas durante a etnografia constituiu uma prática, tão regular quanto útil, para ir respondendo de forma ponderada e reflexiva aos desafios do contexto.

Os momentos eticamente desafiantes anteriormente descritos fazem parte da microética, tocando questões de género, da violência contra as mulheres, da tendência ao idadismo por parte de agentes de instituições de proteção e promoção de cuidado, entre outras. Afloram também a natureza e os limites da relação entre a pessoa investigadora e a pessoa investigada, reconhecendo-se que, na etnografia, o principal instrumento de recolha de dados é quem

investiga. A subjetividade e a complexidade do que se observa e vivencia torna, por isso, essencial uma gestão especialmente cuidada da carga emocional e afetiva investida nas relações. Isto supõe rejeitar qualquer tipo de instrumentalização dos/as participantes, reforçando a premissa de que devem ser vistos/as como pessoas não como objetos de pesquisa (Neves; Malafaia, 2015). Mais, elucida sobre a importância de construir relações horizontais, seguras em que os espaços de poder carecem de revisão e calibragem, evitando assimetrias. Finalmente, a saída do terreno deve ser tão ou mais acautelada que a entrada, considerando o significado que a presença de uns pode ter na vida de outros/as e vice-versa. Reclama-se, por conseguinte, a necessidade de uma intensa vigilância crítica e de um *ethos* reflexivo centrado no cuidado e no respeito em todas as interações humanas.

Referências

- ALL EUROPEAN ACADEMIES (ALLEA). *The European code of conduct for research integrity*. Berlim: American Educational Research Association, 2017.
- AMADO, J. *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- AMATO, R. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical. *OPUS*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/295/273>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- ANSDELL, G. Community music therapy & the winds of change. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 2, n. 2, 2002. DOI 10.15845/voices.v2i2.83. Disponível em: <https://voices.no/index.php/voices/article/view/1590>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- ANTUNES, I. B. *Promoção da saúde mental no ensino superior através de práticas artísticas: a perspetiva dos jovens*. 2024. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/159275>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ATKINSON, S.; ROBSON, M. Arts and health as a practice of liminality: managing the spaces of transformation for social and emotional wellbeing with primary school children. *Health Place*, v. 18. n. 6, p. 1.348-1.355, nov. 2012. DOI 10.1016/j.healthplace.2012.06.017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2012.06.017>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BAPTISTA, I. *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético*. Porto: Profedições, 2005.

BAPTISTA, I. Ética e educação social interpelações de contemporaneidade. *SIPS - Pedagogía Social. Revista Interuniversitaria*, Sevilla, n. 19, p. 37-49, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1350/135025474003.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2025.

BAILEY, B. A.; DAVIDSON, J. W. Amateur group singing as a therapeutic instrument. *Nordic Journal of Music Therapy*, v. 12, n. 1, p. 18-32, 2003. DOI 10.1080/08098130309478070. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08098130309478070>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERGER, G. A investigação em educação: modelos sócio-epistemológicos e inserção institucional. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, n. 28, p. 175-192, 2009.

BRITISH EDUCATIONAL RESEARCH ASSOCIATION (BERA). *Ethical guidelines for educational research*. 5. ed. Londres: BERA, 2024.

CAMERON, I. D. *et al.* Interventions for preventing falls in older people in care facilities and hospitals. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, n. 9, set. 2018. DOI 10.1002/14651858.CD005465.pub4. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30191554/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

CARIA, T. *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto: Afrontamento, 2002.

CARMINATTI, J. S. A prática de canto coral e o desenvolvimento de habilidades sociais 15. *Pensamiento Psicológico*, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 81-96, 2010.

CARSON, A. J.; CHAPPELL, N. L.; KNIGHT, C. J. Promoting health and innovative health promotion practice through a community arts centre. *Health Promotion Practice*, v. 8, n. 4, p. 366-374, out. 2007. DOI 10.1177/1524839906289342. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1524839906289342>. Acesso em: 10 mar. 2025.

CLARKE, V.; BRAUN, V. *Successful qualitative research*. Thousand Oaks: SAGE, 2013.

CID, X. M.; DAPÍA, M. Lazer e tempos livres para as gerações idosas: perspectivas de animação sociocultural e aproximação à realidade Galega. In: OSÓRIO, A. R.; PINTO, F. C. (coord.). *As pessoas idosas: contexto social e intervenção educativa*. Lisboa: Instituto Piaget, 2012. p. 281-305.

CUMMINGS, M. L. Integrating ethics in design through the value-sensitive design approach. *Science and Engineering Ethics*, n. 12, p. 701-715, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11948-006-0065-0>. Acesso em: 10 mar. 2025.

DENZIN, N. K. *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*. New York: Routledge, 2017.

DUCOMBE, S. Does it work? The effect of activist art. *Social Research: An International Quarterly*, [S. l.], v. 83, n. 1, p. 115-134, 2016.

DZUKA, J.; DALBERT, P. Well-being as a psychological indicator of health in old age: a research agenda. *Studia Psychologica*, [S. l.], v. 42, n. 1, p. 61-70, 2000.

EUROPEAN COMMISSION. Directorate-General for Research and Innovation. *Ethical and regulatory challenges to science and research policy at the global level*. Brussels: Publications Office, 2012.

FANCOURT, D.; FINN, S. What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? A scoping review. Copenhagen: *WHO Regional Office for Europe*, 2019. Disponível em: <https://www.euro.who.int/en/publications/abstracts/what-is-the-evidence-on-the-role-of-the-arts-in-improving-health-and-well-being-a-scoping-review-2019>. Acesso em: 11 nov. 2019.

GOLDEN, T. L. *et al.* Arts and culture: a necessary component to address unmet social needs and advance individual and community well-being. *American Journal of Health Promotion*, v. 37, n. 8, p. 1.045-1.048, ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/08901171231188191>. Acesso em: 10 mar. 2025.

GOLDEN, T. L. *et al.* Supporting youth mental health with arts-based strategies: a global perspective. *BMC Medicine*, n. 22, art. 7, jan. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12916-023-03226-6>. Acesso em: 10 mar. 2025.

GUILLEMIN, M.; GILLAM, L. Ethics, reflexivity, and “ethically important moments” in research. *Qualitative Inquiry*, v. 10, n. 2, p. 261-280, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1077800403262360>. Acesso em: 10 mar. 2025.

HAROLD, J. (ed.). *The Oxford handbook of ethics and art*. Oxford: Oxford University Press, 2023. *E-book*. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780197539798.001.0001>. Acesso em: 02 fev. 2025.

JENSEN, A. Interdisciplinary arts and health practice with an institutional logics perspective. *Arts & Health*, v. 11, n. 3, p. 219-231, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17533015.2018.1443950>. Acesso em: 10 mar. 2025.

JENSEN, A.; TORRISSEN, W. Aesthetic engagement as health and well-being promotion. *Journal of Public Mental Health*, v. 18, n. 4, jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/JPMH-11-2018-0080>. Acesso em: 10 mar. 2025.

FISHER, P. Ethics in qualitative research: ‘vulnerability’, citizenship and human rights. *Ethics and Social Welfare*, v. 6, n. 1, p. 2-17, 2012. DOI 10.1080/17496535.2011.591811. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17496535.2011.591811>. Acesso em: 10 mar. 2025.

GORNY-WEGRZYN, E.; PERRY, B. Creative art: connection to health and well-being. *Open Journal of Social Sciences*, v. 10, n. 12, p. 290-303, nov. 2022. DOI 10.4236/jss.2022.1012020. Disponível em: <https://doi.org/10.4236/jss.2022.1012020>. Acesso em: 10 mar. 2025.

KIRSCHNER, S.; TOMASELLO, M. Joint music making promotes prosocial behavior in 4-year-old children. *Evolution and Human Behavior*, v. 31, n. 5, p. 354-364, sept. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.evolhum-behav.2010.04.004>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LIMA, M. L.; NOVO, R. N. So far so good? Subjective and social well-being in Portugal and Europe. *Portuguese Journal of Social Science*, v. 5, n. 1, p. 5-33, ago. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1386/pjss.5.1.5/1>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MACK, N. *et al.* *Qualitative research methods: a data collector’s field guide*. North Carolina: Family Health International, 2005.

MACNEILL, P. (ed.). *Ethics and the arts*. Dordrecht: Springer, 2014.

MELLOR, L. An investigation of singing, health and well-being as a group process. *British Journal of Music Education*, v. 30, n. 2, p. 177-205, 2013. DOI 10.1017/S0265051712000563. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0265051712000563>. Acesso em: 10 mar. 2025.

NEVES, T.; MALAFAIA, C. “You study people... that’s ugly!”: the implications of ethnographic deceptions for the ethnographer’s ethics. In: BHOPAL, K.; DEUCHAR, R. (ed.). *Researching marginalized groups*. New York: Routledge, 2015. p. 50-61. *E-book*. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781315740782>. Acesso em: 10 mar. 2025.

OSORIO, A. R. Animación sociocultural en la tercera edad. In: Trilla, J. (coord.). *Animación sociocultural: teorías, programas y ámbitos*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998. p. 255-267.

PAIS, S. C. *et al.* *Relatório final: um estudo sobre os efeitos do projeto “Cante pela sua saúde” no Porto Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE)*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2023. Relatório não publicado.

SALA, G. *et al.* The impact of leisure activities on older adults’ cognitive function, physical function, and mental health. *PLoS ONE*, v. 14, n. 11, p. 1-13, nov. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0225006>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SILVA, S. M. *Da casa da juventude aos confins do mundo: etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis*. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO (SPCE). *Carta ética da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação*. Lisboa: SPCE, 2020.

UNESCO. *Declaração universal sobre bioética e direitos humanos*. Paris: Unesco, 2005.

VIEIRA, C. (ed.). *Temas, contextos e desafios da investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2235-4>. Acesso em: 10 mar. 2025.

YOUNGPETER, K. Controversial psychological research methods and their influence on the development of formal ethical guidelines. *Student Journal of Psychological Science*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 4-12, 2008.